

CENTENÁRIO DO PAI AMÉRICO

O Centenário do nascimento do Pai Américo cumpriu-se. Dizemos, em linguagem corrente, com dignidade e elevação.

O povo esteve presente. Foi assim quando Pai Américo estava, em carne e osso, no meio de nós. Tem-no sido depois que nos deixou e foi para junto do Pai. O povo, sempre o povo, amou a Obra da Rua porque acreditou em Pai Américo. Quem acredita, entrega-se e ama na medida da sua fé. E continua a acreditar.

Foi simples, íntima e rica a festa na manhã do dia 23, na nossa capela, com toda a família à volta do altar. O sr. D. António Ferreira Gomes presidiu. Foi escutado com devoção verdadeiramente filial. Era uma testemunha viva de Pai Américo, que falava do que tinha visto e ouvido. O Pobre esteve no centro da reflexão. O coração pobre de Pai Américo levou-o a viver a paternidade efectiva de uma multidão de filhos. Esta palavra, vinda de um Bispo que, ao tempo,

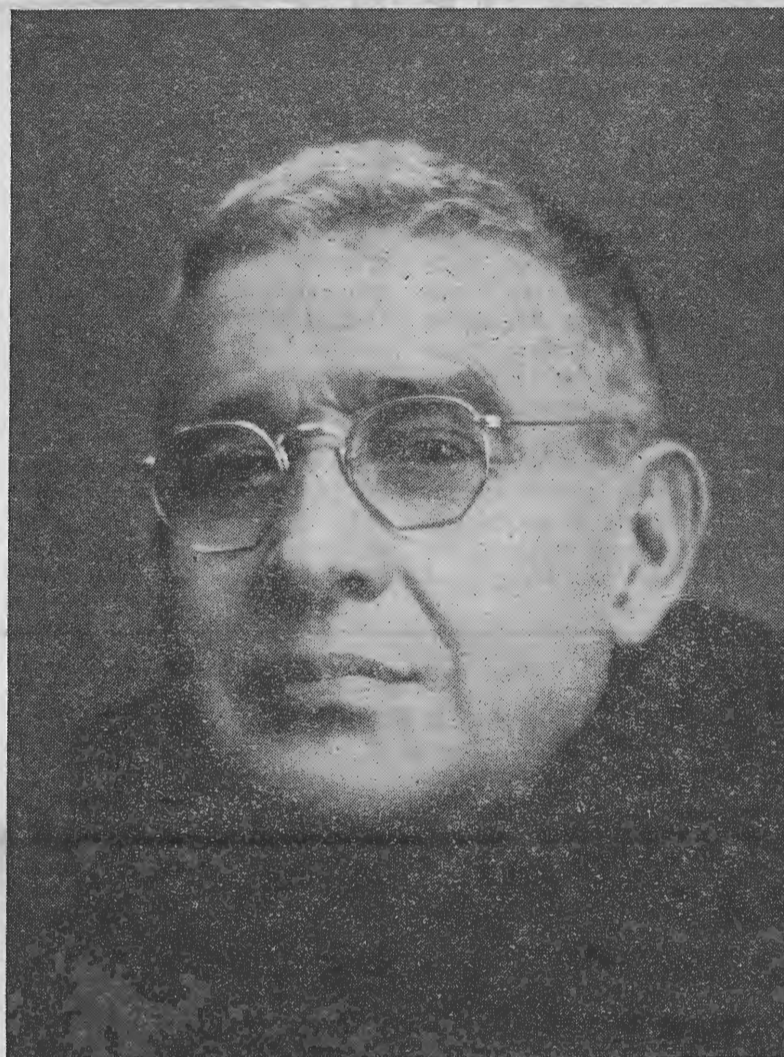
corajosamente apoiou Pai Américo em público, calou fundo no coração de todos nós. O mesmo aconteceu no seio das outras comunidades da Obra da Rua.

Oito dias antes, chegaram três pequenos: o Ilídio, de 4 anos; o Ricardo, de 5; e o Pedro, de 6. Cumpria-se nestes garotos, hoje, o Centenário do Pai Américo. Vieram sozinhos. Não sabemos da mãe que lhes deu o ser. Falo da mãe! Nestas idades, como suprir o lugar da mãe?! Onde encontrá-la? Eles andavam perdidos. Foram parar ao hospital por causa de subnutrição. Onde encontrar a mãe para estes pequenos? Vieram celebrar a festa connosco, mas não veio a mãe. E continuamos à espera dela — mãe não da carne nem do sangue, mas nascida do Amor maternal de Deus posto em corações de mulher. Então a festa será mais linda. O Centenário cumprir-se-á não apenas nos filhos que todos os dias nos procuram, mas em cada um ou cada uma dos que ouviram a men-

sagem de Pai Américo, acreditaram nela e amaram a Obra da Rua até ao fim.

Depois, foi a festa do povo em Penafiel, na Igreja Matriz, ao fim da tarde. Gentes de toda a parte acorreram para agradecer o dom de Pai Américo. O altar fica sempre no meio. Foi o centro da sua vida. Dele e para ele nascia e corria todo o vigor e fecundidade do seu trabalho. Os nossos bispos estiveram presentes. Com eles os sacerdotes. Que alegria ver tantos sacerdotes a celebrar a festa do Centenário!

Cont. na 2.ª pág.



Recoveiro dos Pobres com o suor do seu rosto

Excerto da homilia do Arcebispo-Bispo do Porto, na Igreja-matriz de Penafiel:

«Logo nos primeiros anos de padre encontrei-me a

trabalhar em paróquia de grandes possibilidades e grandes carências e, mercê de muitas circunstâncias e algumas peripécias, conduzido pelo Espírito, achei-me rodeado de muitos problemas de pobreza e miséria.

Idealizei, com outros, um plano que respondesse às principais necessidades. Campos de férias de jovens, reforço das Conferências Vicentinas, construção de casas para Pobres, lar para terceira idade, centro paroquial de assistência e formação, jardim de infância, visitas domiciliárias, etc.

Este plano foi projectado e efectuado integralmente, funcionando hoje a cem por cento e com resultados objectivos excelentes, e muitas consequências secundárias de vária ordem.

De uma paróquia parada, por motivos que não vêm agora ao caso, conseguiu-se

um dinamismo notável e permanente.

O que aconteceu comigo e com a minha paróquia, aconteceu, nessas décadas, com outros e outras paróquias. Havia um mexer geral que pegou e ainda hoje influencia muitas coisas que acontecem neste campo, sem se dar por isso.

Há certas coisas que uma vez desencadeadas nunca se sabe, exactamente, como e quando terminam. São como sementeira.

Falo nisto agora e hoje, aqui, nesta igreja de Penafiel, porque venho celebrar convosco o primeiro Centenário do nascimento do Padre Américo. E o Padre Américo teve uma influência decisiva no que veio a acontecer na minha paróquia e que vos referi.

Uma vez procurei-o numa das suas passagens por Aveiro,

Cont. na 2.ª pág.



Uma panorâmica do Palácio de Cristal (Porto). A Nação agradecida estava ali — e tornou-se Família.

CENTENÁRIO DO PAI AMÉRICO

Cont. da 1.ª pág.

«Cada freguesia cuide dos seus Pobres», proclamou Pai Américo. A paróquia é o retrato do seu Pastor. Será uma família na medida em que o pároco for pai. E ninguém pode levar a mal se ele tiver um cuidado maior com os mais pobres e assumir corajosamente as suas vidas.

Nestes últimos dias, o Centenário do Pai Américo cumpre-se na alegria redobrada com o «despacho» de alguns «chapéus» para cobrir casas de Autoconstrutores. Na medida em que os párocos vivem de perto e de dentro a sorte dos que lhes foram confiados, a comunidade movimenta-se, as mãos dão-se e geram outras ajudas. Deste modo, o padre põe-se no seu lugar — é

pai; e a Igreja é Mãe. Que nome mais lindo pode um ser ambicionar? Ah, que o Centenário do Pai Américo se cumpra nas nossas Comunidades paroquiais!

Não faltou, já ao entrar na noite desse dia, o encerramento da exposição fotográfica sobre Pai Américo e a Obra da Rua. Quanta devoção! Quanto carinho da parte do sr. Guimarães e seus filhos! E das crianças de algumas escolas! Pai Américo ficou mais conhecido. A mensagem que nos deixou na Obra da Rua vai ajudando os mais pequenos e maiores a criar um mundo novo — a civilização do Amor.

No dia 24, ao fim da manhã, Pai Américo esteve no Barredo. Apareceu no seu lugar preferido. O Barredo pertence-lhe. Conquistou-o pela força

do Amor que não se calaria enquanto a Justiça não estabelesse ali sua morada e o Pobre fosse ouvido. Por isso falou e suas palavras ficaram gravadas no granito para reflexão de quem por ali passar: «O Barredo é bonito. Com suas ruas tortuosas; seus cachorros de granito e varandas de ferro batido; seus largos; seus nichos e «alminhas» — o Barredo é bonito. Se dentro das casas houvesse pão, a escarpa do Barredo poderia ser mostrada. Assim, tem de ser escondida...

Poderia ser mostrada, sim, mas outro Barredo, com casas e armazéns de negócio ribeirinho, fontes, praticas, mirantes, jardins. Gente limpa e bem disposta. Um outro Barredo onde se possa narrar com verdade de como foi e quanto o Porto não rejubilou com a renovação total daquela grande desgraça; daquela nossa desgraça!»

Tudo por causa do Pobre!

O dia encerrou no Palácio de Cristal. A Nação tornou-se Família: povo anónimo dos bairros e centro urbano; gente das vilas e dos campos; crianças, adolescentes, jovens e adultos; mais novos e mais velhos; crentes e não crentes; gente do Poder e os trabalha-

Presença dos Leitores

Não quero deixar de estar presente no momento em que se comemora o 1.º Centenário do nascimento do Padre Américo.

Homem de Fé, daquela Fé que arrasa montanhas (e quantas não teve que remover para erguer a Obra da Rua!), foi uma figura ímpar da vida portuguesa contemporânea.

Viveu intensamente o Evangelho. Não se limitou a medi-

tá-lo; pô-lo em prática dando ao mundo uma lição de acção social, não escrita em pesados e eruditos tratados, mas construída, pedra sobre pedra, carinhosamente, dela emergindo o grande edifício da Obra da Rua.

Ao invés da mulher de Loth, que de mulher foi transformada em estátua de sal, Padre Américo pegou no «Lixo das ruas» e converteu-o em homens dignos, úteis para eles próprios e para a sociedade em que se inserem.

Como S. Paulo, Padre Américo «esperou contra toda a esperança» — e venceu. Não construiu a Obra da Rua sobre a areia, como o homem insensato de que fala o Evangelho, mas fundou-a solidamente sobre a rocha, de forma a resistir a todas as vicissitudes.

A todos felicito ex-corde.

Assinante 12109

dores humildes; catadráticos e os que nada sabem de letras. A Nação agradecida estava ali — e testemunhou pela voz daqueles que citamos, nestas páginas d'O GAIATO.

O Centenário de Pai Américo cumpriu-se. Quem dera que tenha ido no coração de todos! Quem dera que as horas vividas tenham sido de reflexão para pôr em marcha o Centenário!

Padre Manuel António

Recoveiro dos Pobres com o suor do seu rosto

Cont. da 1.ª pág.

isto lá pelos fins dos anos quarenta, princípios de cinquenta e contelhe o que estava a pensar. Foi o nosso primeiro encontro e não se pode dizer que tenha sido muito famoso. «Olhe, padre. A pensar morreu um burro. Ande prá frente!» Eu não sei se continuámos ou não a conversar, mas o que sei é que não esqueci mais aquelas frases curtas, sintéticas, do Padre Américo. E não fiquei a pensar. Andei prá frente. Depois tivemos outros encontros, mas este foi decisivo para mim, para a paróquia e, se calhar, não estávamos aqui hoje, se não fosse o impulso do Padre Américo, à sua maneira directa.

A vida de cada um é mistério feito de intervenções não pensadas e em muitos casos nem sequer detectadas. Ficam no claro-escuro e nem chegam a ser segredos.

Quando agora celebramos o primeiro Centenário do seu nascimento, muitas coisas podemos dizer do Padre Américo. Nem sempre foi assim. Ele foi recusado e primeiro que chegasse à aceitação plena da sua vocação pelo serviço dos Pobres, passou incompreensões e passaram por ele as dúvidas dos outros. Ele conquistou a pobreza e conquistou o direito de ser «recoveiro dos Pobres» com o suor do seu rosto, como escreveu algures.

A força de tudo, a razão deste homem que viveu e deu o seu testemunho de padre e de cristão já na era das novas tecnologias, em que os

valores morais nem sempre são afirmados e defendidos, foi o núcleo da Mensagem de Jesus por ele assumido na fé.

O Padre Américo foi um homem de fé e soube proclamá-la e vivê-la profundamente, «anunciando a morte do Senhor, celebrando a Sua ressurreição, esperando a Sua vinda na glória». Foi a sua motivação básica, o impulso das suas acções ao serviço dos Pobres, como ele deixou disperso nos seus escritos.

Foi um homem que não inventou a sua fé; recebeu-a da Igreja, aderiu a ela com fide-

lidade, proclamou-a carismáticamente, celebrou os seus mistérios e viveu-a evangelicamente. Por isso, apesar das misérias que encontrava, não foi um pessimista. A sua linguagem construtiva ia ter ao íntimo das pessoas e fazia reconsiderar as vidas: foi um grande renovador e regenerador da sociedade e da Igreja.

A história da Igreja está cheia de homens e mulheres que deixaram tudo para se darem a Deus; que acreditaram e se comprometeram, porque perceberam que «uma só coisa é necessária: vai, vende tudo

o que tens e segue-Me», como o Senhor disse ao jovem rico.

Repartida a vida por toda a parte, como pobre e humilde de coração, o Padre Américo deixou-nos como herança que a nossa pobreza é a nossa riqueza; e a nossa riqueza a nossa pobreza. A certa dureza e apego, a certa perspectiva mundana e á certo consumismo, não dá jeito esta linguagem e recusa-se a tal Teologia. Mas é do Evangelho, não foi sequer invenção do Padre Américo.

O Padre Américo seguiu o caminho das Bem-aventuranças. Viveu nos anos da sua vida, tempos e modos de comunidade nova.

Ele foi um grande homem da Igreja e da Pátria.

Foi um grande de Galegos-Penafiel.»



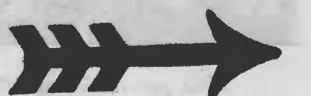
Concelebração na Igreja-matriz de Penafiel, presidida, pelo Arcebispo-Bispo do Porto.

Cresci no patamar duma escada do BARREDO



Testemunho de Estela Teixeira Ribeiro, 53 anos, viúva, mãe de quatro filhos, que reside no Bairro D. António Barroso (Património dos Pobres), em Miragaia (Porto):

«Cresci no Barredo (Rua da Lada, 74), num patamar duma escada, desde os 10 anos de idade, junto de minha mãe que estava entevada.



Ocasão propícia para uma reflexão exigente

Excertos da alocução do Presidente da República no encerramento da sessão no Palácio de Cristal:

«Assinalar o Centenário do nascimento do Padre Américo é um acto de justiça para com um homem que deixou uma obra extraordinária de solidariedade humana. Deve, por isso, constituir ocasião propícia para uma reflexão exigente sobre o sentido da sua vida e o alcance da sua obra, na perenidade de uma mensagem de humanidade e amor do próximo, que repercute intacta nos nossos dias e não pode deixar ninguém indiferente.

(...) Homem de fé e de vocação, o Padre Américo teve a coragem de vir para o meio dos homens dar testemunho do amor cristão ao próximo, sacudindo rotinas, comodismos e incompreensões.

(...) Com verdadeiro espírito evangélico, ergueu, pedra a pedra, uma obra de solidariedade humana e de amor pelas crianças pobres e abandonadas, que permanece como um exemplo de excepcional valor humano.

(...) Num momento em que a melhoria da situação económica do País e a sua modernização constituem prioridades nacionais, temos de estar atentos aos estados de carência, de pobreza e de atraso que ainda subsistem.

Sabemos que o processo do desenvolvimento é, na sua complexidade, socialmente desigual e descontinuo. Seria, por isso, um erro supor que o crescimento económico anularia por si só situações dolorosíssimas de inferioridade económica, social e cultural que continuam a marcar tão fla-

Tive que trabalhar para o nosso sustento, mas foi nesse patamar de escada que tive a felicidade de conhecer o Pai Américo, juntamente com o

na enxerga, e lhe dava palavras de conforto e algum dinheiro. Não visitava só nós, também os vizinhos. Nunca esqueceu os buracos do muro



Para além do mais, esta homenagem marca o desejo dos Pobres da Ribeira-Barredo por «novas condições de vida, suas casas plenas de luz»...

Padre Querubim de Sousa, pároco da freguesia de S. Nicolau, que também sabia da nossa miséria.

Durante dois anos tivemos a visita de Pai Américo, que se sentava ao lado de minha mãe,

da favela.

Hoje, que se comemora o Centenário do Pai Américo, o seu sonho era fazer muitas **Corujeiras**. Por que não mais uma na Escarpa do Barredo? Vamos a isso!»



Inauguração duma placa-mensagem, no coração do Barredo, com um rico texto de Pai Américo alusivo àquela «terra de mártires, de heróis, de santos».



«Homem de fé e de vocação» — afirma o Dr. Mário Soares — Padre Américo deu «testemunho do amor cristão ao próximo, sacudindo rotinas, comodismos, incompreensões».

gratamente a nossa sociedade.

A pobreza, o analfabetismo, o desemprego, a exploração do trabalho infantil, a desprotecção social, o abandono a que são votadas tantas crianças, a doença, a subnutrição, são problemas concretos que não podem ser resolvidos automaticamente pelo livre jogo do simples aumento da riqueza. Necessitam ser encarados de frente e reclamam decisões que representam uma vontade política clara de pôr termo a tais flagelos, no mais rápido prazo possível.

Por isso entendo que devemos aproveitar a presente conjugação de condições favoráveis — nos planos económico e até político — para prosseguir resolutamente um esforço

de solidariedade social e humana em favor dos mais desfavorecidos e principalmente dos jovens. Essa é seguramente uma das formas de ser fiel à lição do Padre Américo.

(...) A luta contra a pobreza, a miséria material e moral, o desamparo e a solidão norteou toda a vida do Padre Américo. O seu amor à juventude, que bem compreendia constituir a semente de um futuro melhor, teve servir-nos de estímulo. Não podemos ignorar que na sociedade livre em que hoje vivemos, todos somos responsáveis pelo destino colectivo. A meu ver, uma das lições mais eloquentes da vida do Padre Américo, cuja memória hoje aqui evocamos com gratidão e respeito, centra-se na

consciência desta responsabilidade de todos os membros da sociedade pelo destino daqueles que, por razões que sempre importa analisar e por causas que é nosso dever combater, se encontram marginalizados e sem capacidade para resistir à adversidade, à doença e à falta de recursos mínimos de vida.

Só com esta consciência solidária poderemos construir um mundo melhor. Sessões como a de hoje — em que se evoca com humildade um grande exemplo moral — reforçam-nos na convicção de que a batalha pode ser ganha e que muitos sofrimentos inúteis podem ser poupados, com boa vontade e com um pouco mais de amor pelo próximo.»

Sentimos necessidade de o tratar por Pai Américo

António Teles, que ora exerce a sua profissão no Porto, disse:

«Foi-me pedido para dar o meu testemunho sobre o Homem de quem hoje estamos a comemorar o Centenário de nascimento.

Poderia dispor de quatro ou cinco minutos para o fazer, mas julgo que não precisarei de tanto tempo.

Seria fácil servir-me dos muitos exemplos com Ele vividos, alguns dos quais provavelmente do vosso conhecimento por se encontrarem relatados em diversas publicações. Mas vou preferir socorrer-me de um pormenor para o qual me permito chamar a vossa atenção.

Confesso ignorar quem foi o primeiro que, um dia, chamou Pai ao Padre Américo; tão pouco é importante saber quem foi. O que é importante, isso sim, é que alguém, algum dia, sentiu necessidade de assim o tratar — Pai.

E dizendo isto, poderia perfeitamente terminar aqui o meu testemunho, porque seria bastante pensarmos em toda a carga contida nesse filial tratamento, para nos apercebermos da grandiosidade desse Homem. Porque todos sabemos quanto a figura do Pai é importante quer para a criança quer para o adolescente. E também sabemos quanto é difícil ser-se um verdadeiro Pai.

Mas já talvez nem todos saibam, e eu gostaria de focar aqui, como é ainda mais importante para o órfão ou para o abandonado, como lhe deixa marcas para sempre, sentir que existe alguém que lhe dá pão e carinho, alguém que na hora da asneira o repreende, na hora da dúvida o esclarece, no desespero o ampara.

Alguém que dando-lhe a certeza de o conhecer por dentro e por fora, tem sempre a palavra certa na hora precisa, e,

todavia, também mantém o silêncio quando a situação o requer.

Mas será que existe neste mundo alguém capaz de tal, para além dos pais? Capaz de sofrer incompreensões e ainda assim continuar a dar-se daquela maneira? Sofrer dúvidas muito acima do normal e ainda assim continuar a amar?

Eu afirmo que sim e certamente comigo estarão algumas centenas de gaiatos, pois creio poder afirmar que foi isso que Pai Américo fez. Amou os seus rapazes. E eles em troca chamaram-lhe Pai.

E não sei de algo melhor que se possa dizer dum Homem a não ser chamar-lhe Santo.»



Éramos rejeitados pela sociedade

Jorge Nave — chefe-maioral da Casa do Gaiato de Paço de Sousa — afirma o que sente:

«Pai Américo continua bem vivo no coração daquele que reencontrou o caminho de uma família na Obra da Rua.

Eu era uma criança assustada, desconfiada, carente; e descobri aos 12 anos o valor

Cont. na 4.ª pág.

PAI AMÉRICO - ontem e hoje

Um resumo do trabalho apresentado pelo Prof. Dr. Levi Guerra, no Palácio de Cristal:

«Ao redigir estas palavras, tive um vislumbre antecipado e fugidio sobre a magnitude desta sessão. Mas a minha visão ficou aquém da realidade que observo e experimento agora. Pai Américo é de todo o Portugal. Não esqueceu canto algum do Portugal de então! Leia-se a sua obra escrita. Evoquem-se os marcos edificadas e vivos que erigiu. Mas o Pai Américo foi ao Porto que porventura mais se fixou e deu, foi no Porto que topou o Barredo e, a partir daí, integrou na sua linguagem a designação de «Barredos» onde quer que fosse, porque por todo o lado há Pobres. E continua a haver. Fora do Porto e no Porto.

Foi no Porto que veio a falecer em 16 de Julho de 1956, após um acidente rodoviário.

Nas exéquias do Porto, no sufrágio do 30.º dia do falecimento do Pai Américo, D. António Ferreira Gomes, então Bispo do Porto, em luminosa homilia proclamou:

«Morreu o Padre Américo... será preciso deduzir bem e ter sempre presente a lição da sua vida; e essa lição, através de longa e vária escrita, resume-se toda naquela evolução fonética e semântica... que na boca dos seus gaiatos e dos seus sacerdotes, de Padre Américo

fez Pai Américo... O Apóstolo dos tugúrios, o criador da Obra da Rua, do Património dos Pobres e do Calvário, foi grande no amor do próximo porque foi grande no amor de Deus. É das Tábuas da Lei, que não podem ser invertidas nem convertidas. O Sacerdócio — continuou o sr. D. António — foi para ele a grande opção vital, a eleição decisiva; tudo o mais, nem sequer pensado nesse momento, veio depois por acréscimo e como simples aplicação dum espírito haurido no Sacerdócio de Cristo. Sacerdócio vivido em aspiração, em renúncia, em heroicidade. Sacerdócio de Credo, de Mandamentos e Bem-aventuranças. Sacerdócio dos conselhos evangélicos.»

Em 1965, já no ambiente conciliador do Vaticano II, os Prelados que tinham na altura sacerdotes seus ao serviço da Obra da Rua, aprovaram e abençoaram as Normas de Vida dos Padres da Rua. Nesse documento da aprovação diz-se que o Pai Américo sempre foi fiel à Igreja e ao Bispo, o que bem se nota, aliás, ao longo de todos os seus escritos e sermões.

Foi um grande pregador, um pregador permanente dos Evangelhos, praticamente os únicos livros que lia.

Porém, nessa época, o Pai Américo encarnou, ia a dizer profeticamente, o que o Concílio Vaticano II veio a consagrar nestas palavras: «O Sacerdote é o homem do Culto

Sagrado, da difusão da Palavra de Deus e da Caridade».

Pai Américo foi um homem com missão, e de missão, a que foi fiel. Mas foi-o tardiamente, aos 36 anos! Não desonrou nenhum compromisso, e foi coerente. E tanto que, no caleidoscópio vivo dos assuntos da sua pregação constante trata dos graves assuntos da infidelidade conjugal e dos enganadores que estão no mundo, afinal entre os agentes mais graves da incoerência. Assim, pelos anos quarenta, aborda o primeiro destes temas sob a designação de «A infidelidade dos cônjuges também causa viuvez».

Confidencia depois que o seu Prelado acedeu a dar-lhe um companheiro sacerdote de quem recebeu o seguinte «dahiré» sobre modalidades a empreender na Obra: Construir casas na quinta, para ser uma Aldeia de Rapazes. «E eu disse que sim.» E brota então o trecho da mais extraordinária importância pedagógica e que à pedra deverá ser passado, em muitos lados e para sempre:

«Toda a educação da criança sem família deve ser feita em células familiares, nunca em aglomerados. A criança há-de ter um pai, não um guarda. Deve ser amparada, não vigiada. Tudo tem que vir bater aqui, neste sistema vivo, forçado pela natureza das coisas. Qualquer outro é contra a natureza. A futura Aldeia dos Rapazes, que há-de ver e admirar, vai ser afeiçoada

assim. Cada casinha é um lar. O chefe, que é o pai de família, sairá da Casa do Gaiato para a construir. Em cima habita-se; em baixo oficinas; fora, horta e jardim. Vida independente; escola e capela comuns. Domingos, confraternização.

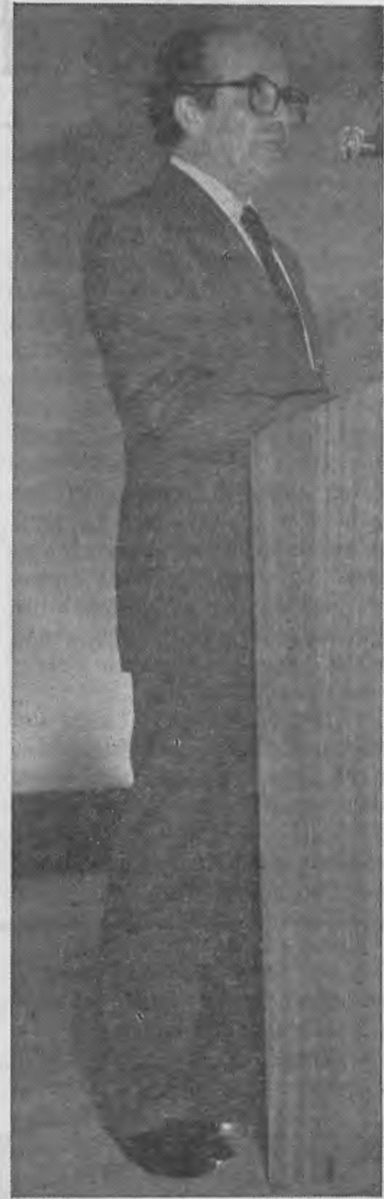
Ai! que coisa tão disparatada, dirão os mestres de pedagogia. É que não amam! Se não és pai, não és mestre.»

Ao contrário do que se pode pensar da acção do Pai Américo, não foi este como que uma espécie de bombeiro socorrista dos desastres sociais descritos, e de muitos outros no mundo de males com que topou, que descobriu e a que se abraçou, amando conscientemente: «Sou um pobre mortal a quem Deus deu a graça de amar aquilo que não presta». Porém, fazia pela sua pregação a profilaxia do mal; pelo Evangelho, a cura do Social! Voz da Igreja!

Evocando a cena da mulher adúltera do Evangelho, Pai Américo proclama que se tem de usar de misericórdia — mas que não se podem cruzar os braços. «As mossas «Rodas» provaram ser remédio falso.» «Ele é muito difícil resolver problemas de ordem social», desabafou, consciente de que tem por raiz o jogo, a miséria, a prostituição, e agora a droga, e que qualquer desses males não acaba nunca. Mas o Pai Américo consciente, não hesita em dizer: «Estranha missão — aparentemente — a de um homem que se propõe dar o sangue das veias e anda na liça para destruir aquilo mesmo que não sofre destruição! Há-de haver sempre escândalos no mundo! Ora é precisamente pelos escândalos que eu trabalho». Adoptou como princípio — que os Padres da Rua seguem para a solução dos problemas sociais — que, para além de leis justas, necessitam quem as use sem espírito burocrático, mas com empenho, devoção e amor, desprendimento do mundo, e confiança em Deus.

Nas Normas de Vida dos Padres da Rua, um dos fins expressos (n.ºs 79 e 81) da Obra da Rua são «os sem família». Daí o debruçar-se com sobrenatural solicitude sobre o doente incurável a quem falta tudo, não só quanto de material poderia adoçar o sofrer, como também o carinho da família que não tem — daí o Calvário. Aproveito para dizer que o Calvário é a solução de génio para cada vez maior número

de problemas de hoje. Recentemente, em Paris, Maurice Abiven deixa a direcção dum Serviço de Medicina Interna e passa a dirigir no Hospital da Universidade um departamento recém-criado — é o Calvário. Entre nós há que os implemen-



tar ligados aos nossos Hospitais! Mas tem havido resistências.

Na mesma linha, o Património dos Pobres e as suas modalidades sobre o que me não desejo deter, não por não ser importante mas por sair naturalmente da minha órbita de competência, de visão e de experiências.

Ficou anatematizada toda a via burocratizante para a solução dos grandes problemas de índole social onde, não podendo ser só as leis a resolver, se impõe a devoção total e desinteressada, o exercício do Amor de Deus, e o lugar privilegiado do Sacerdote. Por isso, hoje, os nossos Bispos apoiam os seus Padres que se queiram dar à Obra da Rua, que queiram ser Padres da Rua!

A Obra da Rua não revelou nenhum Mozart que eu saiba, mas devolveu já à Sociedade milhares de homens íntegros e responsáveis que poderiam ter povoado cadeias e espalhado terror.»

Éramos rejeitados pela sociedade

Cont. da 3.ª pág.

da amizade, do amor, do brio, da independência e da responsabilidade.

Alicerçada no amor evangélico, a Casa do Gaiato rece-



beu-me em 1979 e tirou-me de um mundo onde predominavam maus tratos físicos e psíquicos dados por familiares. Vim,

pois, de um mundo onde estava habituado à dureza da vida, andando também nos contentores.

Com a ajuda de uns vizinhos do Cacém, consegui encontrar uma Família na Casa do Gaiato — Família que é o padrão pelo qual se rege a Obra da Rua.

Aqui recomecei os estudos no 1.º ano do Ciclo Preparatório e agora frequento o 11.º nocturno. E tirei o curso de serralharia civil através do Centro de Formação Profissional.

Como numa família organizada, ao padre compete a parte espiritual, isto é, dar o toque espiritual às almas e conduzir pela mão o rapaz e fazer dele seu colaborador na exigência da responsabilidade para com os outros.

Nesta vontade de construção duradoura e fiéis aos primeiros tempos, os rapazes escolhem um chefe que os oriente e esteja mais próximo deles. Somos uma Democracia de velha data! Actualmente, esta responsabilidade está sobre mim. A princípio custou, mas com a ajuda e conselhos dos mais velhos que por lá passaram e, como disse atrás, conduzido pelo padre responsável, fui-me sentindo útil.

Mas todos devemos sentir na carne o apelo à responsabilidade

de da construção da vida comunitária — na proporção das nossas capacidades.

A razão de ser da Casa do Gaiato é transformar «Lixo» em pedras preciosas. Pessoalmente, sinto-me agora útil porque tenho uma formação para enfrentar a vida e na Casa do Gaiato fui manifestando o que sou; pois só progride e é viva na medida em que nela existe amor e educação na liberdade e na responsabilidade pessoal. Mas progredir não significa alterar; ela é e deve continuar a ser aquilo que Pai Américo quis que fosse: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

Para a conhecer não é preciso estar muitos anos nela. O que é preciso é vê-la e amá-la com o coração, a cada momento. Não é só uma Casa que dá de comer, dormir, trabalho e estudo. É mais do que isso: é amor criativo e o amor gera amor. Obras de amor fazem-se por amor.

Hoje, considero-me útil na sociedade. Porém, anos atrás, eu e tantos outros éramos rejeitados pela sociedade.

Dizia Pai Américo: «Oh segredo divino de amar o que não presta, para que venha a prestar!»

Não há no mundo força maior do que a fé para fazer-mos face à vida.

Para terminar, demos a palavra a Pai Américo: «A Obra não é minha, é de Deus».

 **Gaiato**

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Outubro: 67.615 exemplares.